

BIBLIOTECA DE COMUNICAÇÃO

Estrutura da Comunicação Radiofônica, por Emílio Prado. Summus Editorial, S. Paulo, 1989. 101 páginas.

Jornalista e professor da Universidade Autônoma de Barcelona, Emilio Prado escreveu um livro – “Estrutura da Informação Radiofônica” – traduzido para o português e que integra, como volume 31, a série “Novas Buscas em Comunicação”, da Summus Editorial, de S. Paulo.

O prefácio foi escrito por Heródoto Barbeiro, nome dos mais respeitáveis nos meios radiofônicos mas que, surpreendentemente, nenhuma referência fez ao texto do seu colega espanhol. Discorrendo sobre a importância do jornalismo radiofônico, algumas de suas afirmações são seguras e apoiadas na sua grande e invejável experiência, como quando lembra que hoje, no rádio, prevalece o noticiário local e regional, ficando para a televisão as cadeias de integração nacional.

Heródoto Barbeiro foge porém à realidade, ao dizer que “as técnicas do radiojornalismo não foram devidamente divulgadas no Brasil, quer em publicações, quer nas escolas de comunicação”, pois “os cursos superiores existentes não dividem convenientemente a carga horária curricular, de acordo com a opção do aluno”. Suas críticas sem fundamento não param aí. Continuam no mesmo teor: “De uma forma geral ensinam apenas o jornalismo impresso. (...) Os novos profissionais saem das escolas superiores sem condições de atuar no radiojornalismo. Não lhes foi ensinado que o rádio tem linguagem própria, que não se confunde nem com o jornal, nem com a televisão”.

As Faculdades, Escolas e Cursos de Jornalismo têm incluído em seus currículos o jornalismo radiofônico e mantém estúdios-laboratórios para o ensino das várias disciplinas ligadas a essa área. Emissoras do interior e mesmo das capitais, transmitem programações produzidas

pelos universitários e, ao final do ano, cedem espaço para a divulgação dos "projetos experimentais", obrigatórios no último semestre, como uma das condições para a obtenção do diploma.

O rádio tem, realmente, reportagem própria, redação própria, linguagem própria, enfoques próprios e edição própria. Os locutores não se limitam a ler recortes de jornais do dia (ou da véspera), praticando o condenável "método gilete-press", porque as equipes se movimentam para dar a notícia em primeira mão. Pouquíssimos segundos de antecipação ou de atraso na irradiação de uma nota dão prestígio ou podem abalar o conceito de uma emissora.

Outro lapso do prefaciador é o de entender que as técnicas de radiojornalismo não foram divulgadas em publicações. Além dos excelentes artigos da Revista Intercom e dos Cadernos de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, dois excelentes livros, pelo menos, são de utilidade e valor imenso. Um, "O Texto na TV — Manual de Telejornalismo", de Vera Iris Paternosto (Editora Brasiliense, 1987, 104 páginas) e outro, em segunda edição, o "Manual de Radiojornalismo Jovem Pan", de Maria Elisa Porchat (Editora Ática, Série Fundamentos, Volume 65, 1989, 206 páginas).

O livro do professor Emilio Prado mereceria mais do que uma simples tradução. Embora as teorias jornalísticas possam ser universais, o texto foi escrito para um público-alvo espanhol. Os exemplos citados, de noticiário, além de terem sido elaborados em 1981, apresentam características tipicamente provincianas. Uma das notas sobre a inauguração da autopista do Atlântico, entre Pontevedra e Vigo, fala em "escaletrix" (página 52)... A editoração do livro também deixa a desejar, pois as notícias citadas pelo autor ora estão em letras menores e, outras vezes, se confundem com a narrativa, pois não há diferenciação dos tipos. Faltaram notas (ou rodapés) com esclarecimentos e adaptação das lições ao linguajar brasileiro e às situações por aqui vividas.

Um bom autor na Espanha, foi prejudicado por não ter sido melhor cuidada a edição brasileira. Uma falha lamentável, que põe a perder bons ensinamentos.

Mário L. Erbolato

Linguagem Autoritária (Televisão e Persuasão), por Maria Thereza Fraga Rocco, Editora Brasiliense, S. Paulo, 1989. 200 páginas.

Líder de audiência aos domingos, o Programa Sílvia Santos, da TVS, é uma das poucas opções, para os telespectadores, não pela qualidade dos vários quadros e cenas, mas pelo fato de as outras emissoras terem a

mesma rotina dos outros dias da semana. Sílvio Santos (pseudônimo que se projetou de tal forma a tornar esquecido o nome próprio) tem o seu estilo pessoal. Anima. Conduz. Domina o auditório. Abraçá-lo ou simplesmente vê-lo em pessoa, é sonho de humildes moças dos bairros paulistanos e de senhoras-avós, que viajam centenas de quilômetros à noite e pela madrugada, integrando caravanas que irão disputar uma poltrona no auditório, durante as gravações.

A professora Maria Thereza Fraga Rocco gravou várias emissões do SBT e, a partir de amplos estudos desse material, escreveu a sua tese de livre-docência, defendida na Faculdade de Educação da USP em 1988, agora publicada pela Editora Brasiliense (SP) com o título **Linguagem Autoritária – TV e Persuasão**. Ao analisar o quadro “Porta da Esperança”, a autora destaca que a entrada do apresentador se faz em clima apoteótico, dirigindo-se “a todo o Brasil e ao auditório”, a quem conclama, como se fosse uma ordem, a aplaudir e a demonstrar carinho na recepção ao primeiro entrevistado; um menino de onze anos.

Para captar as atenções, estabelece-se um diálogo entre o animador e o garoto, que gira em torno do óbvio, com o objetivo também de causar efeito. A primeira pergunta é: “Você já entrou, Francisco?” A resposta, evidentemente, só pode ser: “Já! Já!” E no culto à própria personalidade o locutor indaga: “Você já me conhecia pessoalmente?” A seqüência obedece a uma conversa conduzida pelo titular do programa que vai obtendo confissões do convidado/sorteado, que pretende ganhar uma geladeira, um fogão ou uma bicicleta. As histórias não variam: a mãe (que trabalha fora e sai de casa todos os dias pela madrugada) é separada (brigou com o marido, que “sumiu”) e o aluguel da casa “leva quase todo o salário”.

Maria Thereza Fraga Rocco analisa estruturalmente os diálogos. Na “Porta da Esperança” a solicitação é feita porque o candidato é pobre, na família só há uma pessoa que ganha para o sustento de todos, um filho assumiu o lugar do pai e, naquele momento, conseguir receber o que foi pedido pela (ou na) carta, representa o maior sonho da vida do entrevistado.

Se o desejo é satisfeito, surge o macrocomercial. Entre abraços, beijinhos e lágrimas, o refrigerador é entregue. Sílvio Santos conversa com o representante da firma, um filme é projetado, mostrando as instalações da loja e o apresentador faz várias perguntas de rotina. “Onde fica a empresa?”, “Qual o nome dela?”, “Quantos refrigeradores vende por ano?”, “Qual o preço da oferta que vocês fizeram ao menino?” Demonstrando não entender algumas das respostas, as perguntas são renovadas, para que as informações sejam repisadas. Os telespectadores que as ouçam...

A tese **Linguagem Autoritária, TV e Persuasão** admite que Sílvio Santos tem “inegável domínio sobre os auditórios, que são por ele

manipulados e manobrados". Para obter os efeitos que deseja, usa a primeira pessoa do plural e utiliza esquemas de repetição, valorizadores das idéias que expõe e recorre a verbos no imperativo. Uma das conclusões do livro é que "Sílvia Santos explora todas as possibilidades do verbal e conseqüentemente detém o domínio da interlocução. Os diálogos são, na verdade, chapas-clichês, compostas por perguntas que não mudam e por relatos simplórios. Jamais por opiniões".

O livro não é o primeiro a analisar um programa de televisão, mas tem observações profundas e deve ser recomendado a quem queira penetrar um pouco nos bastidores de um dos mais discutidos meios de comunicação social, presente, diariamente, na maioria dos lares.

Mário L. Erbolato